



A Interlocução de Saberes na Antropologia 2

**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

Atena
Editora

Ano 2020



A Interlocução de Saberes na Antropologia

2



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2020



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Willian Douglas Guilherme

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

I61 A interlocução de saberes na antropologia 2 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-375-0

DOI 10.22533/at.ed.750201109

1. Antropologia. 2. Ciências humanas. 3. Etnologia. I. Guilherme, Willian Douglas.

CDD 306

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste segundo Volume de “A Interlocação de Saberes na Antropologia” foram selecionados 18 artigos, o dobro do primeiro Volume, publicado em 2019. A intenção é ampliar o debate acadêmico por meio da divulgação dos resultados da pesquisa antropológica. Assim como no primeiro Volume, esta publicação mantém a característica crítica e direta que é a marca esta coletânea.

Os artigos trazem possibilidades diversas, discutindo dentro do viés antropológico, temáticas relativas aos saúde e povos indígenas, cultura, resistência negra e quilombos. Os artigos debatem seus objetos dialogando intensamente com o leitor, provocando, instigando a inquietação diante os resultados apresentados.

Ainda, temas como ciências da computação, processo judiciais, globalização, mudança no hábito alimentar e assédio sexual também são intensamente discutidos. É uma obra que precisa ser divulgada e referenciada.

Convido a navegarem pelo índice e desfrutarem do prazer desta leitura.

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ANTROPOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.7502011091	
CAPÍTULO 2	26
A FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE GESTORES NO CAMPO DA SAÚDE INDÍGENA	
Marcos Antonio Braga de Freitas	
Ana Paula Barbosa Alves	
Ariosmar Mendes Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.7502011092	
CAPÍTULO 3	40
ANTROPOLOGIA NAS PERÍCIAS: APROPRIAÇÕES DA PESQUISA ANTROPOLÓGICA NO ÂMBITO DE PROCESSOS JUDICIAIS	
Cíntia Beatriz Müller	
DOI 10.22533/at.ed.7502011093	
CAPÍTULO 4	51
ASSÉDIO SEXUAL EM ESPAÇOS PÚBLICOS E O CRIME DE IMPORTUNAÇÃO SEXUAL: A LEI Nº 13.718/2018	
Ester Rocha de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.7502011094	
CAPÍTULO 5	63
CAIXA DE COMENTÁRIOS DOS JORNAIS ONLINE DE MATO GROSSO DO SUL: OPINIÕES EXPRESSAS A RESPEITO DOS POVOS INDÍGENAS	
Gabriel dos Santos Landa	
DOI 10.22533/at.ed.7502011095	
CAPÍTULO 6	76
COMUNIDADES TRADICIONAIS E REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA NO SUL DO AMAZONAS	
Cloves Farias Pereira	
Thereza Cristina Menezes Cardoso	
Suzy Cristina Pedroza da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7502011096	
CAPÍTULO 7	89
CURSO DE GESTÃO EM SAÚDE COLETIVA INDÍGENA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Ana Paula Barbosa Alves	
DOI 10.22533/at.ed.7502011097	

CAPÍTULO 8.....	104
DA NARRATIVA DE VIAGEM À NARRATIVA ETNOGRÁFICA: A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO E A AUTORIDADE CIENTÍFICA	
Eliane Miranda Costa	
DOI 10.22533/at.ed.7502011098	
CAPÍTULO 9.....	117
ECONOMIA, CONSUMO E ESCASSEZ DE RECURSOS NATURAIS: OS DESAFIOS DO MUNDO GLOBALIZADO	
Ariosmar Mendes Barbosa	
Marcos Antonio Braga de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.7502011099	
CAPÍTULO 10.....	130
HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS FAMÍLIAS DESCENDENTES DE ORIGEM ALEMÃ DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA/SC	
José Raul Staub	
Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.75020110910	
CAPÍTULO 11.....	145
NOVAS CENTRALIDADES, NOVAS PERIFERIAS: NARRATIVAS DE FUGA NA FRONTEIRA ENTRE TERRITÓRIOS DA ZONA OESTE DE MONTEVIDÉU	
Romina Pedreira Cabrera	
Valeria Giménez Carratú	
DOI 10.22533/at.ed.75020110911	
CAPÍTULO 12.....	161
O CONCEITO DE CULTURA EM FOCO	
Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.75020110912	
CAPÍTULO 13.....	168
O HOME CARE DECIDIDO PELOS TRIBUNAIS: OUTRAS FACES E DILEMAS DA JUDICIALIZAÇÃO DA SAÚDE	
Lúisa Paim Martins	
Leonardo do Amaral Pedrete	
DOI 10.22533/at.ed.75020110913	
CAPÍTULO 14.....	183
O IMPÉRIO DOS SIMULACROS E A COMIDA “FRANKENSTEIN”... TEM “GOSTO”, “CHEIRO” E “COR” DE FRUTA, MAS NÃO É FRUTA – UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DOS SENTIDOS DO ATO ALIMENTAR	
Sophia Sartini Fernandes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.75020110914	

CAPÍTULO 15.....	204
OUTROS OLHARES SOBRE OS OUTROS: A PRESENÇA INCÔMODA DOS CORPOS MODIFICADOS EM <i>BLOGS</i> Juliana Abonizio DOI 10.22533/at.ed.75020110915	
CAPÍTULO 16.....	211
PROTAGONISMO E RESISTÊNCIA NEGRA NA REGIÃO DO MARUANUM/AP: EM BUSCA DE SABERES ANCESTRAIS Jamile Borges da Silva Tayra Fonseca Rezende DOI 10.22533/at.ed.75020110916	
CAPÍTULO 17.....	222
REPRESENTAÇÃO ETNOGRÁFICA E A NARRATIVA SUBALTERNA Adriana Elisa Bozzetto DOI 10.22533/at.ed.75020110917	
CAPÍTULO 18.....	229
RITUAL DE TOBÓSSIS: BANCADA, BARCO E INICIAÇÃO DAS PRINCESAS AFRICANAS Tayná do Socorro da Silva Lima DOI 10.22533/at.ed.75020110918	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	263
ÍNDICE REMISSIVO.....	264

CAPÍTULO 16

PROTAGONISMO E RESISTÊNCIA NEGRA NA REGIÃO DO MARUANUM/AP: EM BUSCA DE SABERES ANCESTRAIS

Data de aceite: 24/08/2020

Data de submissão: 05/08/2020

Jamile Borges da Silva

Universidade Federal da Bahia/
UFBA/Salvador
<http://lattes.cnpq.br/3425799345314038>
<https://orcid.org/0000-0001-8291-7805>

Tayra Fonseca Rezende

Universidade Federal do Amapá/
UNIFAP/Macapá
<http://lattes.cnpq.br/5027002678752412>
<http://orcid.org/0000-0002-1666-3859>

RESUMO: Este artigo objetiva refletir sobre os mecanismos de resistência produzido por mulheres louceiras do quilombo do Maruanum. Esta pesquisa de cunho etnográfico, levantou relatos e testemunhos de mulheres negras quilombolas e os modos de vida e produção de saberes ancestrais materializados nas louças, patrimônio incontestado desse fazer no Estado do Amapá.

PALAVRAS-CHAVE: Quilombo, resistência, saberes.

BLACK PROTAGONISM AND RESISTANCE IN THE MARUANUM/AP REGION: IN PURSUIT OF ANCESTRAL KNOWLEDGE

ABSTRACT: This article pursues to reflect about the resistance produced by women of Maruanum quilombo. This ethnographic research, raised reports and testimonies of black quilombola women and the ways of life and production of ancestral knowledge materialized in the artefacts, pottery, a heritage of the State of Amapá.

KEYWORDS: Quilombo, resistance, knowledge.

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma investigação que teve como objetivo conectar os estudos de gênero e de etnicidade em contextos comunitários quilombolas, mais especificamente, uma comunidade ribeirinha no Estado do Amapá, reconhecida por seu ativismo e participação nas lutas das mulheres por autodeterminação e participação na vida e na cultura Amapaense.

O Quilombo de Santa Luzia do Maruanum¹ foi o *locus* dessa investigação que buscou interrogar a centralidade da mulher na (re)produção da identidade étnica, o papel político das mesmas na tomada de decisões dentro da associação quilombola, e ainda, o lugar ocupado na dinâmica familiar através do

¹ As louceiras estão organizadas desde o ano de 1983, através da Associação das Louceiras do Maruanum. Tal organização está registrada e possui um estatuto, que é o documento através do qual elas entendem que adquiriram sua fundação formal. Nele, constam os nomes das louceiras fundadoras do grupo e algumas regras e ordens por elas estipuladas.

protagonismo econômico no sustento do lar. Era vital para atender aos objetivos do estudo, compreender o papel das louceiras na constituição, manutenção e reprodução dos saberes para construção ou afirmação da identidade étnica na região do Maruanum.

Partimos da premissa de que negros e quilombolas constituem a base da identidade brasileira, embora tenham sido aliados do processo de expansão e constituição da cidadania no Brasil, ainda que a Constituição Federal de 1988 tenha garantido, através de referência nos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), a questão quilombola como elemento central para efetivação da cidadania. Algumas décadas depois da aprovação da Carta Magna, sabemos que o reconhecimento das comunidades quilombolas infelizmente, ainda resulta em mera cidadania formal, faltando a essas comunidades o alcance e os efeitos de cidadania material.

A pesquisa foi realizada através de sucessivas incursões ao campo, em trabalho de cunho etnográfico, com sessões de observação e entrevistas qualificadas com as louceiras e mulheres da comunidade.

2 I QUILOMBOS NO BRASIL: FENÔMENO ANTROPOLÓGICO

O fenômeno quilombola acontece em toda parte do Brasil, embora na maioria das vezes, enquanto fenômeno rural ou do campo. De acordo com Trindade (2015), é possível afirmar que a trajetória dos negros no platô das Guianas, em especial na região de Macapá, ocorre desde o período colonial até o último quarto do século XIX. Ainda segundo o autor, os primeiros africanos que chegaram ao Grão-Pará foram para a região do Amapá entre as duas últimas décadas do século XVI e as primeiras décadas do XVII, organizando-se em mocambos.

Os territórios ocupados por comunidades quilombolas no Amapá estão, em sua maioria, concentrados em duas áreas extensas, às margens de dois rios da bacia hidrográfica amapaense: as comunidades às margens do rio Matapi e a do vale do rio Pedreira (TRINDADE, 2015).

Encontramos em Macapá, na região do Maruanum, uma comunidade onde a mulher ocupa espaço de protagonismo, através da associação de mulheres louceiras e quilombolas. Estas mulheres organizam-se de modo associativo, sendo responsáveis por prover o sustento de suas famílias a partir do “roçado” ou da produção de utensílios de barro. É aqui, nessa comunidade que pretendemos entender os mecanismos e dispositivos teórico-práticos para a afirmação de questões identitárias, intersectadas por questões de gênero, numa complexa e multifacetada dinâmica.

As reflexões no campo da alteridade, raça, etnicidade e identidades tem sido

o objeto por excelência da Antropologia, ainda assim, outras searas epistemológicas têm revelado interesse no campo constitutivo das reflexões sobre identidade étnica pela via dos estudos interdisciplinares, tais como, a Ciência Política, a Sociologia, a Educação e o Direito. A primeira, busca identificar os fenômenos políticos e de poder próprios dos movimentos quilombolas, principalmente no que se refere à mobilização destes atores sociais na luta por cidadania e reconhecimento na esfera pública, situação esta que também desperta interesse na ciência jurídica, já que a cidadania e os processos de reconhecimento encontram perfectibilidade na medida em que são internalizados pelo ordenamento jurídico. Não longe disso, a proximidade da Sociologia se evidencia quando pretende entender a funcionalidade e a posição que as comunidades quilombolas desempenham na estrutura social e em que medida impactam na produção da identidade nacional. Surgem aí as contribuições mais sofisticadas da Antropologia, buscando evidenciar os processos de constituição das identidades dos grupos étnicos numa relação endógena/exógena, a partir do acionamento de elementos de auto-definição/pertencimento.

A matriz teórica na Antropologia, que serviu de esteio à compreensão do fenômeno da etnicidade, está diretamente relacionada à produção de Fredrick Barth, intelectual responsável por lançar luz sobre essa categoria antropológica, e que desencadeia um novo paradigma para a leitura deste fenômeno cultural e étnico. Parece-nos, portanto, que estudar o fenômeno da identidade/etnicidade é uma condição ainda não esgotada no Brasil, principalmente face à constelação de grupos étnicos que existem e a vasta possibilidade de recortes ainda não trabalhados em diversos grupos étnicos, principalmente aqueles que se situam no Norte e Nordeste.

Nesse sentido, merece destaque a atuação dos Antropólogos, principalmente com a edição do Decreto n^o 4887, de 2003, assinado pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, que ampliou a interpretação conceitual e semântica da categoria *quilombo*.

Leite (2008), afirma que quilombo enquanto direito, é uma espécie de potência que atravessa a Sociedade e o Estado e, em suas mais diversas formas, embaralha as identidades fixas, a configuração do parentesco, da região e da nação, e instaura a dúvida sobre a capacidade do Estado em ser o gestor da cidadania e o ordenador do espaço territorial.

A categoria jurídica "remanescente de quilombo" é criada e institui a coletividade enquanto sujeito de direitos fundiários e culturais. Tal disposição do Estado em institucionalizar a categoria pode ainda ser tomada na perspectiva de uma tentativa de reconhecimento formal de uma transformação social considerada como incompleta, o que revela distorções sociais de um processo de abolição da escravatura parcial e limitado (LEITE, 2008, p. 342).

Entendendo a complexidade e as tensões políticas envolvidas nas disputas pelas narrativas sobre as comunidades quilombolas, buscaremos interseccionalizar a questão de gênero – considerando o papel da mulher nas comunidades quilombolas - com a dimensão etnicorracial, entendendo as implicações de ser mulher, negra e quilombola e reconhecendo que a questão de gênero é fenômeno latente em nível global merecendo maior destaque também na sociedade brasileira.

É imperativo compreender como os distintos referentes históricos, pode nos ajudar a compreender o fenômeno da fabricação de narrativas identitárias e como essas noções, igualmente construídas e fabricadas, a exemplo de raça e quilombo, se conjugam com as ferramentas analíticas do campo antropológico e com as estruturas de poder para, pensar a questão do gênero nesses contextos comunitários do quilombo.

De Michel Foucault a Judith Butler passando por outros nomes não menos importantes, como Joan Scott e Donna Haraway, a categoria gênero tem sofrido uma série de transformações que revelam o caldo teórico que se produziu nas ciências sociais, quando, ainda na década de sessenta, se produziram escritos que se tornariam marcos para o início dos debates em torno da questão de gênero, os quais ganhariam profusão na década de oitenta, com a repercussão dos escritos de Joan Scott no Brasil e com os textos de Heleieth Saffioti (1978; 1979; 1981) e Eva Altermann Blay (1978) colocando o estudo de gênero na agenda da academia brasileira e ampliando a luta dos movimentos sociais nessa seara.

Queremos mostrar aqui como os estudos de gênero podem auxiliar no desenvolvimento de novas ferramentas analíticas para entender os modos de existir e resistir das comunidades quilombolas no Estado do Amapá – mais precisamente das mulheres do quilombo do Maruanum – e como o investimento intelectual no campo dos estudos étnicos pode ser crucial para a compreensão do que significa ser mulher, negra e quilombola na formação do imaginário social brasileiro.

Intentamos assumir a perspectiva dos estudos de subalternidade para reafirmar a condição da crítica aos modos como a mulher negra tem sido tratada tanto na academia e na produção do conhecimento quanto na esfera pública, fazendo coro ao que diz A. Davis (2016)

...a forma pela qual a mulher negra foi desumanizada, nos dá a dimensão da impossibilidade de se pensar um projeto de nação que desconsidere a centralidade da questão racial, já que as sociedades escravocratas foram fundadas no racismo. (...) é preciso considerar a intersecção de raça, classe e gênero para possibilitar um novo modelo de sociedade. (p. 12).

Inúmeros trabalhos produzidos, sobretudo a partir das chamadas epistemologias do Sul e do pensamento feminista negro decolonial tem afirmado

que a posição da mulher segue sendo determinada pela hierarquia do gênero na estrutura social, ao tempo em que as questões de raça, classe e etnicidade, quando interseccionadas, determinam os limites e os posicionamentos dos agentes na sociedade. Assim, quando se é portador dos marcadores de gênero e da raça – nesse caso, negros/negras - associados a dimensão do pertencimento a comunidades quilombolas, os mecanismos históricos de opressão e processos de espoliação continuam sendo a tônica de seu cotidiano como representação atávica da triste memória escravagista desse país.

Neste trabalho, ensinamos entender a questão da construção da identidade étnica-quilombola através da compreensão dos múltiplos processos que configuram e definem seus mecanismos de reconhecimento/pertencimento e como isto se relaciona com a (re)produção dos saberes referentes à elaboração dos utensílios de barro, as louças, que são a fonte de renda da comunidade.

Buscaremos argumentar em favor da construção da identidade quilombola, mostrando como a produção de saberes específicos dessa comunidade resulta não apenas do artesanato material, mas também da artesanaria simbólica produzida por essas mulheres. Ao articular essas reflexões ao *corpus* teórico aqui adotado, esperamos compreender os sentidos do ser mulher, negra, quilombola e louceira na região do Maruanum e como todos esses elementos se refletem na construção/invenção ou reinvenção de saberes.

3 I SUBINDO O RIO: O MARUANUM E SUA TRAJETÓRIA DE RESISTÊNCIA NEGRA

O Maruanum de acordo com Iaparrá e Lomba (2014), constitui-se em uma extensa região, localizada geograficamente a sudoeste de Macapá, capital do estado do Amapá, mais especificamente na zona rural, cerca de 60 km da capital. Muito são os acessos, dependendo de qual parte se quer chegar, mas todas elas estão dispostas a partir da BR 156 que liga Macapá à Laranjal do Jari, no sentido Macapá- Oiapoque. O município do Oiapoque é, dentro do estado do Amapá, a localização última antes da fronteira com a Guiana Francesa.

Na região existem hoje cerca de vinte comunidades negras rurais, segundo dados do relatório antropológico do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária/INCRA. Atualmente, há trinta processos de regularização fundiária de territórios quilombolas abertos na Superintendência Regional do Incra no Amapá.

Dentre as comunidades que integram o distrito estão: Conceição, Torrão, Simião, São Raimundo, São José, Alto Pirativa, São Tomé, Santa Maria, Fátima e Santa Luzia, mas, até o presente momento, somente a comunidade de Santa Luzia solicitou junto ao INCRA a abertura de processo de regularização fundiária de suas terras (IAPARRÁ E LOMBA, 2014).

As comunidades costumam habitar as proximidades do rio Maruanum, afluente do rio Matapi, essenciais ao modo de vida quilombola e para o sustento das famílias. A pesquisa aconteceu nas comunidades de Santa Luzia e na vila do Carmo, como é comumente chamada a comunidade de Conceição, pelos moradores locais. Para chegar até lá, há que se percorrer cerca de 70 km por via terrestre. Os primeiros 20 km são pela via asfaltada, BR 156, indo de Macapá para Laranjal do Jari. Depois, é preciso percorrer o restante em estrada de chão em direção ao rio Maruanum. O trajeto, em tempo seco (de março a meados de novembro/dezembro) leva por volta de 1 hora e 40 minutos de carro. Já de ônibus, leva-se cerca de duas horas e meia para chegar ao centro da capital .

De acordo com os relatos orais, a comunidade se formou a partir da vinda de um casal de negros remanescentes que tiveram sete filhos, vindo também estes a ter outros filhos, até chegar às atuais gerações. Em ambas as comunidades estudadas, a atividade econômica é de subsistência, realizada pela própria família, onde se criam patos, porcos e galinhas e se desenvolve o roçado, a prática do cultivo da terra, que gira em torno da mandioca e de seus derivados.

A região se destaca pela prática do Marabaixo, uma manifestação folclórica que inclui ritmo musical e uma dança de roda de origem africana, típica daquela região e também no estado do Amapá. O nome também se aplica ao tambor utilizado nesse estilo musical, chamado de “caixa de marabaixo”.

Também há um ciclo de novenas e procissões, conhecido como “as festividades do Marabaixo”. Estas festas se iniciam no domingo de Páscoa e terminam no dia do Divino Espírito Santo, ou seja, quarenta dias após o domingo em que se comemora a ressurreição de Cristo.

Outra tradição fundamental para a afirmação da Comunidade do Maruanum é a produção de louças· artefatos em cerâmica, confeccionados por um grupo de mulheres, denominadas “louceiras”, que há séculos preservam a tradição repassada por seus ancestrais.

A estada na comunidade tornou possível perceber o *modus vivendi* dessas comunidades, ou seja, como a experiência da convivencialidade se articula na produção de saberes resultantes das atividades desenvolvidas por essas mulheres negras, louceiras, quilombolas e seus impactos na perpetuação da tradição, na afirmação da identidade étnica do grupo e na resistência negra no interior rural do Amapá.

3.1 As louceiras-quilombolas do Maruanum

A atividade de fazer louças sempre esteve presente no cotidiano das mulheres que habitam a região de Santa Luzia e da Vila do Carmo. Antes de estarem organizadas formalmente, as mulheres mais antigas cultivavam a prática de fazer

seus próprios utensílios domésticos como forma de prover as necessidades de suas famílias o básico para o funcionamento diário de uma residência: copos, pratos, panelas, fogareiros, travessas e xícaras.

Como a localização da comunidade é distante do centro da capital, Macapá, e os indivíduos residentes da região contam com poucos proventos (a grande maioria sobrevive da exploração da mandioca e recebe aposentadoria rural do governo, em média de um salário mínimo mensal), a produção de utensílios é um modo de aportar renda na comunidade.

Atualmente, o grupo das louceiras é constituído por doze mulheres, todas lideradas por Dona Marciana, responsável pela organização do grupo e pelo incentivo da participação das mulheres em eventos culturais e exposições, onde podem levar as louças para fins de comercialização.

Entre elas, existem laços de parentesco ou de apadrinhamento, como estratégia de fortalecimento dos laços e manutenção de um sistema complexo de saberes e fazeres. A maioria delas aprendeu o ofício com uma personagem fundamental para a comunidade: uma senhora chamada carinhosamente de '*Mundoca*'. A função de Mundoca é criar uma engenharia de laços sociais para a preservação da identidade étnica do quilombo e para que as mulheres continuem ocupando posição de liderança e afirmando o poder de sua ancestralidade.

4 | SER NEGRO E QUILOMBOLA

Entender o que significa ser mulher, negra e quilombola através da análise da tessitura sócio histórica do quilombo do Maruanum, localizado no interior do estado do Amapá, é o desafio a que nos propomos, identificando na arte da produção de louças um campo prolífico de produção de saberes adquiridos ou transmitidos por herança ancestral.

A persistência do racismo, as flagrantes situações de apagamento das lutas das populações afrodiáspóricas e a falácia da democracia racial no Brasil ainda são obstáculos à produção de campos para difusão de um conhecimento situado sobre essas comunidades. Assim, ser negro e quilombola representa um binômio prenhe de sentidos, mas que ainda aponta para os problemas e práticas num contexto de desigualdades duráveis em que se vive no Brasil.

Partimos nesta investigação da afirmação de existência de diversas experiências de resistência negra em meio a processos de dominação e colonização e, mesmo depois, no período pós-abolição, como formas de tentar subverter a lógica vigente. Reconhecer a importância de movimentos encabeçados pelos negros e negras em seus processos de resistência e emancipação no contexto brasileiro, da Colônia ao Império, e depois, nos tempos que se sucederam até a atualidade é um

passo importante para o entendimento de como se organizam contemporaneamente os movimentos de resistência quilombolas.

Será preciso reconstruir a história e a trajetória de negros/as em solo brasileiro para compreender os exemplos de resistência, luta e mobilizações de tais atores para traçar uma nova dinâmica que permita entender o negro e sua centralidade em tal contexto.

Por muito tempo, o Estado-Nação buscou administrar os territórios dos grupos étnicos à revelia da existência dos mesmos. A contra estratégia é o acionamento da territorialização enquanto processo de reorganização social que ajuda a fortalecer identidades étnicas estabelecendo mecanismos políticos especializados e reelaborando a cultura frente ao seu próprio passado.

Interessa-nos então, entender o papel das louceiras do Maruanum na afirmação da tradição quilombola, identificando o lugar dos seus saberes, para além do modelo científico calcado nas formas hegemônicas de produção do saber, que pressupõe rígidos padrões metodológicos, explicativos e racionais.

Acompanhando as atividades que englobam a vida e o cotidiano dessas personagens – mulheres, quilombolas, louceiras - foi possível detectar como as experiências por elas vivenciadas, refletem a dimensão de saberes outros, epistemologias plurais e diversas, as quais estruturam comportamentos sociais e impactam a formatação de suas vidas, tanto no plano real quanto simbólico.

O que propomos neste estudo é romper com o olhar domesticado sobre as mulheres louceiras, mostrando como suas performances e seu saber-fazer ensejam modos de ser e de se reinventar como mulheres, protagonizando outra sociedade, em uma comunidade marcada pelo protagonismo dessas lideranças ribeirinhas.

5 | CONSIDERAÇÕES

É Boaventura Santos (2008) quem vai advogar em favor do reconhecimento da diversidade epistemológica do mundo, sugerindo que a diversidade também é cultural, e, em última instância, ontológica, o que significa a tradução de múltiplas concepções de ser e estar no mundo

Em grande parte de suas obras, o sociólogo português tem advertido quanto ao complexo cenário em que nos encontramos hoje, dominado por ideias contraditórias de diversidade, multiculturalismo, pluralismo e globalização. Nesse sentido, ele nos interroga: Qual o impacto da diversidade cultural nas práticas de conhecimento e na nossa imaginação epistemológica? Vivemos uma transição paradigmática, onde diferentes epistemologias se atravessam e onde tudo está em aberto. Ou seja, a diversidade epistemológica não tem uma forma definida.

Isso nos ajuda a defender, inclusive, o trabalho dessas comunidades

quilombolas, e mais especificamente, das louceiras do Maruanum, como campo fértil para a produção de epistemologias alternativas, plurais e assentadas na vida real e nas práticas cotidianas dessas mulheres.

Boaventura defende o conceito de epistemologias plurais e perspectivas interculturais que permitem o reconhecimento da existência de sistemas de saberes plurais, alternativos à ciência moderna e sua racionalidade, promovendo novas configurações de conhecimentos.

Esta é a tradução do que o autor chama de Ecologia de saberes, isto é,

um conjunto de epistemologias que partem da possibilidade da diversidade e da globalização contra-hegemônica e pretendem contribuir para as credibilizar e fortalecer. Assentam em dois pressupostos: 1) não há epistemologias neutras e as que clamam sê-la são menos neutras; 2) a reflexão epistemológica deve incidir não nos conhecimentos em abstrato, mas nas práticas de conhecimento e seus impactos noutras práticas sociais. Quando falo em ecologia de saberes, entendo-a como ecologia prática de saberes (Santos, 2008, p.155).

Nesse sentido, queremos defender aqui o reconhecimento dos saberes tradicionais quilombolas como uma outra episteme em contraste à ciência hegemônica, etnocêntrica e branca como uma forma de resistência de povos afrodescendentes.

Os estudos de temas referentes às minorias, sejam étnicas, de raça ou de gênero, encontram no campo da produção de saberes, espaço para reivindicar a sua centralidade nos eixos institucionais e privados.

Esses saberes canônicos das epistemologias ocidentais podem ser entendidos como aquilo a que Boaventura Santos tem nos advertido, isto é, uma razão indolente, que apela para a monocultura do saber em detrimento das experiências vividas pelas diversas populações.

As sociedades são a imagem que tem de si vistas nos espelhos que constroem para reproduzir as identificações dominantes num dado momento histórico. São os espelhos que, ao criar sistemas e práticas de semelhança, correspondência e identidade, asseguram as rotinas que sustentam a vida em sociedade (Santos, 2002 p. 48).

Entender como as normas, estereótipos e padrões societários impactam a fabricação e narração dessas identidades das louceiras do Maruanum, supõe o entendimento do panorama mais amplo que se impôs sobre essas comunidades. Para tanto, será preciso situar o leitor alheio a estas reflexões – ainda que de forma breve - pelo entendimento do quanto as políticas de embranquecimento e o apelo da democracia racial foram centrais para a organização do pensamento social brasileiro.

Ser louceira, para elas, vai muito além de produzir seus próprios artefatos ou da possibilidade de venda destes utensílios. A feitura das louças possui uma centralidade no cotidiano dos que habitam o Maruanum. Ainda que a sociedade brasileira tenha lhe negado os direitos mais básicos, bens e até mesmo a propriedade, há algo que se impõe ao registro: a memória. Essa memória se traduz nas louças, nas histórias, nos fazeres nas idas e vindas pelo rio onde constroem e reconstróem sua identidade.

REFERÊNCIAS

BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2000.

BLAY, Eva Alterman. **Trabalho domesticado: a mulher na indústria paulista**. Editora Ática, 1978.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

_____. **Decreto Executivo n. 4887 (2003)**. Dispõe sobre o direito das Comunidades Remanescentes Quilombolas.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

IAPARRÁ, Danielson da Silva; LOMBA, Roni Mayer. Santa Luzia do Maruanum: uma análise do quilombo em face ao processo de reconhecimento e delimitação do território. **VII CBG – Anais**. Agosto de 2014.

GOMES, F. **Hidra e os Pântanos: Mocambos, Quilombos e Comunidades de fugitivos no Brasil (Século XVII-XIX)**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História do IFCH/UNICAMP. Campinas – SP. 1997

HARAWAY, Donna. Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, n. 22, pp. 201-246.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **O INCRA**. Disponível em: www.incra.gov.br

LEITE, Ilka Boaventura. Humanidades insurgentes: Conflitos e criminalização dos quilombos apud ALMEIDA, Alfredo Berno de; LEITE, Ilka Boaventura; O’DWYER, Eliane Cantarino et. al. **Cadernos de debates Nova Cartografia Social: Territórios Quilombolas e Conflitos**. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social/UEA Edições, 2008, p. 17-40.

NOLETO, E.V. In. MIRANDA, Cynthia Mara et al. Diálogos sobre desenvolvimento, gênero e educação. **Espaço e Tempo Midiáticos**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 72-83, ago. 2017

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo, Editora UNESP, 2011.

RODRIGUES, Bruno de Oliveira; REZENDE, Tayra Fonseca; NUNES, Tiago de Garcia. *Quilombo e os Direitos: análise de ADIn 3239 e a luta por dizer o Direito*. **Argumenta Journal Law**, n. 24, jun., 2016, p. 121-51.

RODRIGUES, Bruno de Oliveira, **Quilombo e os Direitos: Análise da ADIn no 3239 e a luta pelo poder de dizer o Direito**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense. Niterói – RJ. 2014.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**. Editora Vozes, 1976.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, Ed. 2, 2008.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, Porto Alegre, jul./dez., 1995, p. 71-99..

SILVA, Jamile B. da. **O afro, a diáspora, a África e a Bahia: tensões e reflexões**. Conferência. Bayreuth Universith, 2017.

TRINDADE, Joseline Simone Barreto. **Lavrando a memória, cultivando a terra: o direito de dizer e fazer a roça no Quilombo do Curiaú**. Tese (Doutorado em Antropologia). Programa de Pós-graduação em Antropologia. UFPA. 2015.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agronegócio 67, 76, 77, 82, 87

Amazônia 39, 76, 77, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 102, 112, 231, 258, 259

Antropologia 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 32, 39, 40, 41, 42, 44, 49, 50, 63, 75, 88, 104, 106, 107, 108, 109, 113, 115, 116, 117, 135, 161, 162, 164, 166, 167, 181, 183, 202, 210, 213, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 247, 256, 259

Assédio 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62

Autoridade 41, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 173, 226

C

Centralidade 43, 145, 164, 170, 179, 211, 214, 218, 219, 220

Comunidades 22, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 45, 65, 71, 76, 77, 81, 82, 84, 85, 86, 89, 90, 92, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 157, 158, 183, 188, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 233

Consumo 33, 98, 99, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 131, 184, 185, 191, 192, 193, 194, 195, 198, 199, 200, 205

Cotidiano 11, 21, 34, 59, 89, 90, 91, 100, 128, 139, 163, 184, 189, 192, 197, 202, 204, 206, 215, 216, 218, 220, 222, 227, 229, 232, 256

Cuidado 99, 168, 169, 170, 171, 173, 176, 178, 179, 192

Cultura 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 25, 28, 39, 65, 66, 67, 68, 73, 75, 95, 101, 102, 106, 107, 108, 110, 114, 126, 140, 141, 142, 156, 157, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 200, 201, 207, 208, 209, 210, 211, 218, 221, 222, 223, 224, 226, 228, 231, 236, 247, 258, 259, 260

Cultural 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 31, 34, 35, 38, 39, 43, 44, 46, 73, 91, 92, 94, 95, 104, 105, 109, 114, 115, 116, 130, 136, 137, 141, 142, 145, 149, 150, 152, 156, 160, 161, 163, 165, 166, 167, 181, 184, 187, 188, 193, 207, 208, 213, 218, 226, 233, 234, 236, 248, 253, 258, 259

D

Decisões judiciais 168, 170, 171, 172, 173, 179, 182

Digital 63, 167

E

Economia 4, 11, 73, 75, 83, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129, 138, 142, 172, 179, 184, 186, 195

Educação 13, 16, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 74, 88, 89, 90,

91, 92, 93, 97, 99, 101, 102, 126, 128, 161, 162, 164, 166, 167, 189, 191, 192, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 213, 221, 263

Epistemologia 1, 2, 23, 108, 114

Escrita 42, 44, 45, 48, 91, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 199

Estigma 204

Estudantes 1, 2, 3, 4, 9, 29, 33, 38, 89, 90, 94, 95, 96, 100, 101, 222

Etnografia 5, 19, 42, 49, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 222, 223, 224, 227, 229, 230, 231, 232, 236, 241, 245, 256, 258

Evitação 171, 204

F

Fronteira 76, 77, 81, 84, 87, 88, 143, 145, 215

G

Gestão 26, 28, 29, 30, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 50, 75, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 103, 171, 172

Globalização 117, 119, 123, 125, 128, 218, 219

H

Home care 168, 169, 171, 172, 173, 178, 179

I

Identidade 11, 12, 23, 24, 30, 32, 34, 44, 49, 50, 61, 66, 74, 109, 121, 134, 137, 143, 164, 205, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 219, 220, 229, 234, 244, 248, 253, 259

Imigração 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144

Interatividade 69, 161, 163

Interculturalidade 26, 28, 29, 31

Interlegalidade 40, 50

L

Lei 32, 37, 39, 51, 52, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 79, 83, 102, 119, 138, 143, 171, 175, 177, 200, 201, 248, 260

M

Memória 11, 130, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 142, 143, 144, 190, 195, 198, 215, 220, 221, 241

N

Narrativas 9, 11, 12, 23, 40, 41, 105, 106, 112, 113, 114, 145, 146, 151, 153, 155, 157, 158, 159, 188, 214, 222, 225

O

Origem 16, 46, 48, 59, 64, 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 140, 163, 164, 181, 195, 216, 222, 223, 227, 242

P

Povos indígenas 26, 27, 28, 29, 32, 34, 36, 39, 63, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 90, 91, 92, 94, 95, 97, 98, 101, 102

Q

Quilombo 44, 46, 47, 211, 213, 214, 217, 220, 221

Quilombolas 40, 44, 46, 47, 49, 83, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 220

R

Reinvenção 127, 180, 215, 229, 244, 259

Religião 15, 229, 230, 236, 237, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 252, 253, 255, 256, 257, 258, 259

Religiões 70, 229, 236, 237, 245, 246, 247, 248, 249, 257, 259

Resistência 9, 17, 77, 91, 101, 111, 211, 215, 216, 217, 218, 219, 259

S

Saberes 1, 2, 13, 22, 23, 24, 29, 31, 37, 38, 93, 94, 108, 116, 183, 211, 212, 215, 216, 217, 218, 219, 226

Saúde 26, 29, 30, 31, 34, 36, 37, 38, 39, 67, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 126, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 190, 191, 196, 197, 199, 200, 201, 209

Saúde indígena 26, 30, 36, 37, 39, 89, 93, 94, 95, 98, 99, 101, 102

Segregação 145

Simulacros 183, 194, 195, 201

Subalternidade 60, 109, 214, 222, 225, 226

T

Tecnologia 12, 63, 120, 161, 162, 193

Terra 35, 43, 48, 63, 64, 67, 73, 75, 76, 77, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 97, 98, 104, 105, 106, 116, 120, 123, 131, 132, 191, 207, 216, 221, 237, 241, 242, 250, 258, 259, 260

Território 34, 43, 44, 64, 65, 88, 89, 92, 101, 130, 132, 138, 145, 165, 220, 223

Tradição 7, 18, 143, 164, 216, 218, 226, 229, 231, 234, 235, 237, 242, 244, 251,

253, 254, 258

U

Universidade 1, 2, 3, 4, 7, 9, 22, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 38, 39, 51, 76, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 100, 102, 103, 104, 112, 117, 129, 130, 143, 144, 161, 179, 182, 183, 201, 203, 204, 211, 221, 222, 229, 230, 259, 260, 263



A Interlocução de Saberes na Antropologia

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020



A Interlocução de Saberes na Antropologia 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020